

“PARA TODO O SERVIÇO”: AS EMPREGADAS DOMÉSTICAS EM CANÇONETAS N'O RIO NU (1898-1909)

NATÁLIA BATISTA PEÇANHA*

Era bem misterioso esse seu violão; era bem um elixir ou talismã de amor. Fosse ele ou fosse o violão, fossem ambos conjuntamente, o certo é que, no seu ativo, o Senhor Cassi Jones, de tão pouca idade, relativamente, contava perto de dez defloramentos e a sedução de muito maior número de senhoras casadas.

Todas essas proezas eram quase sempre seguidas de escândalo, nos jornais, nas delegacias, nas pretorias; mas ele, pela boca dos seus advogados, injuriando as suas vítimas, empregando os mais ignóbeis meios da prova de sua inocência, no ato incriminado, conseguia livrar-se do casamento forçado ou de alguns anos na correção.

Quando a polícia ou os responsáveis pelas vítimas, pais, irmãos, tutores, punham-se em campo para processá-lo convenientemente, ele corria à mãe, Dona Salustiana, chorando e jurando a sua inocência, asseverando que a tal fulana — qualquer das vítimas — já estava perdida, por esse ou por aquele; que fora uma cilada que lhe armaram, para encobrir um mal feito por outrem, e por o saberem de boa família, etc., etc.

Em geral, as moças que ele desonrava eram de humilde condição e de todas as cores. Não escolhia. A questão é que não houvesse ninguém, na parentela delas, capaz de vencer a influência do pai, mediante solicitações maternas.

A mãe recebia-lhe a confissão, mas não acreditava; entretanto, como tinha as suas presunções fidalgas, repugnava-lhe ver o filho casado com uma criada preta, ou com uma pobre mulata costureira, ou com uma moça branca lavadeira e analfabeta.

Lima Barreto. *Clara dos anjos*. Rio de Janeiro, dezembro de 1921-janeiro de 1922. Disponível <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>. pp. 10-11

* Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Mestranda.

Ter um filho casado com uma criada, costureira ou lavadeira, de fato, não estava nos planos de nenhuma família pertencente à elite carioca de princípios do século XX. Dona Salustiana que o diga. Seu filho, Casi Jones de Azevedo, conhecido como um verdadeiro “modinhoso”, não cansava de executar suas práticas de sedução. Tendo, perto de 10 defloramentos e um número muito maior de seduções a mulheres casadas, Casi sempre conseguia se safar dessas acusações pela interferência de sua mãe, senhora respeitável da boa sociedade, mas também ao discurso predominante e disseminado pelas políticas higienistas e judiciais da época, de que as mulheres pobres e que circulavam sozinhas nas ruas não eram honestas.

Narrada por Lima Barreto, na década de 1920, situações como essa descrita em *Clara dos Anjos* não era algo inverossímil em fins do século XIX e princípios do XX no Rio de Janeiro. Martha Abreu em seu *Meninas Perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque* (ABREU ESTEVES, 1989), nos apresenta uma série de processos criminais envolvendo criadas e patrões em que essas, no desenrolar do julgamento, se convertiam de vítimas à réis.

O intuito da presente pesquisa, desta forma, é realizar uma análise sócio-histórica de como tais criadas são representadas em canções cômicas e de cunho pornográfico do recorte temporal em foco.

*São realmente tentadoras
As creadinhas de servir!
Tão joviaes, tão sedutoras...
Quem é que as póde resistir?...
Sabem taes lábias estudadas
Que o individuo mais velhaco,
Sem receiar as trapalhadas
Que possam vir, torna-se fraco!*

*Ellas sabem prender e com tamanho jeito
Que o pobre do patrão si quer fugir não póde:
Agüenta sem falar o mau serviço feito
E as cujas vão vivendo em perenal pagode!¹*

¹ Canção *As creadas*. Letra de Raul Pimpolho, Música do Dr. Alfredo Gama. In. PIMPOLHO, Raul e BLACK. *Theatro Comico*: album de canções com músicas originaes para piano e canto.

Sedutoras e tentadoras são apenas dois dos muitos atributos direcionados às empregadas domésticas. Publicada em Recife num caderno de letras e partituras de 1907, a cançoneta *As Creadas* nos permite identificar um conjunto de estereótipos que expressavam um pensamento comum da virada do século XIX para o XX, sobretudo a partir da abolição da escravidão e das discussões acerca do futuro dos libertos e da nova relação entre patrões e empregados.

A apropriação da figura da empregada doméstica como tema de canções não é exclusividade de Recife. No Rio de Janeiro, verdadeira caixa de ressonância cultural do país, a escolha desse tema por compositores é surpreendente. Analisando as letras publicadas no jornal *O Rio Nu*, pude reunir o número de vinte e quatro canções entre o período de 1898 a 1909, das quais pretendo selecionar algumas para a análise.

Compostas, geralmente por homens, essas canções se caracterizam, sobretudo, por uma narrativa em voz masculina, muitas das vezes aludindo à própria fala do patrão. Das vinte e quatro canções analisadas, oito representam o próprio patrão que narra suas aventuras sexuais com sua criada, duas, representam à fala da própria empregada e o restante representa um narrador indefinido, geralmente em voz masculina.

As canções analisadas na presente pesquisa foram compostas entre o último decênio do século XIX e primeiro do século XX, ponto este interessante para que possamos entender a recorrência na escolha desse tema.

Com o processo de abolição da escravidão, o tema do emprego doméstico, que antes vinha nas pautas de discussões muito mais pela questão da higiene, começa a ser pensado como um problema social (SOUZA, 2010: 155-156). A relação que se pautava entre duas “classes” divergentes, chamava a atenção do poder público, visto que o serviço doméstico era uma atividade que se pretendia “à paz, à tranquilidade e ao bem-estar das famílias”². E um dos problemas, visto como desencadeador da “crise dos bons criados”, era, justamente, o fato de que após a abolição a transitoriedade do

Ilustração de Guapy. Vol. 1. Recife: Typographia a vapor da Agencia Jornalística Pernambucano, 1907. Caderno de canções originária do acervo pessoal do pianista Aluísio de Alencar Pinto, cedida pelo seu filho George Mirault.

² Retirado da dissertação de mestrado da Flávia Fernandes de Souza – AGCRJ. Divisão de Documentação Escrita e Especial. Códice (2923) 50-1-43. *Consulta ao Conselho de Estado*. Rio de Janeiro, 1889. 9f. *Apud*. SOUZA, Flávia Fernandes de. Para casa de família e mais serviço: o trabalho doméstico na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX. Dissertação de mestrado. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Magali Gouveia Engel. São Gonçalo/RJ: UERJ-FFP/PPGHS, 2010. p. 159

emprego doméstico nas casas das famílias cariocas era enorme, muito pelas exigências impostas por essas trabalhadoras na hora da negociação, ou durante o próprio tempo de trabalho. Na cançoneta *Fala-me logo... á sahida* podemos identificar tal incomodo por parte dos patrões.

*Lá em casa a mulherzinha
Se a creada é reinadia,
Não a atura nem um dia,
Pois é logo despedida, mas se ella com ar zangado,
Vai o salário pedindo,
Então a patroa rindo...*

Ora, filha. Isso de dinheiro por um pequeno serviço é uma figa mortal. Más para que não vás por ahi dizer cobras e lagartos da casa...

*Fala-me logo, á sahida!*³

Reivindicar aumento de salários ou melhores condições de trabalho demarca a nova relação de trabalho implementada no pós-abolição. Nessa letra, podemos identificar um rompimento da relação pautada em submissão por parte dos criados aos patrões que se impunha no período encerrado na escravidão. Vemos, nesse caso, uma patroa se sujeitando às exigências da criada, muito porque a rotatividade exacerbada dos criados nos lares dessas famílias era algo incomodo. Colocar para trabalhar, pessoas desconhecidas, que, inevitavelmente, compartilhariam das intimidades dos patrões, era algo que também estava em um dos pontos de discussão para a regulamentação do serviço doméstico. Acerca desse problema do compartilhamento da intimidade por parte da criada, a cançoneta intitulada *Nem ella... Nem eu!*... nos apresenta um quadro representativo de tal situação:

(...)
*Minha esposa, coitadinha,
Acha sempre o tempo mau;
Eu então que sorte a minha*

³ S.C. *Fala-me logo... á sahida*. In. Theatro do Rio Nu. O Rio Nu. 03 de junho de 1903. Biblioteca Nacional. Obras Raras.

*Não aqueço nem a pau!...
Já quis ver numa fogueira
Se aquecia o corpo meu,
Mas por mais que agente queira...
Nem ella...
Nem eu...*

IV

*Nem fogão, nem fogareiro,
Nem os banhos 'd'agua quente,
Nem um immenso brazeiro,
O meu corpo nada sente!...
Exp'rimentei em fazer
Tagatés ao anjo meu!
Mas consegui aquecer
Nem ella...
Nem eu...*

V

*Minha criada Vicença
Pedi em grande afflicção,
A' minha esposa licença
P'ra'quecer o seu patrão!
Minha mulher com agrado
Tal licença concedeu,
Mas não tirou resultado...
Nem ella...
Nem eu...⁴*

“Velhote”, chamado pelas pessoas de “pae-avô”, esse patrão enfrenta um problema, que muitos homens não assumem que possuem – a impotência sexual. Este, nessa cançoneta, é apresentado como um problema que deve se encerrar no interior do lar. Todavia, tal intimidade não deixa de ser percebida pela criada, visto que em

⁴ Esta cançoneta foi encontrada na coluna Teatro do Rio Nu, do jornal O Rio Nu, 1898, nº 37. Sua letra foi escrita por Alfredo Grillo, e a música é de Antônio Duarte. Essa mesma música foi interpretada entre 1907-1912, por Mário Pinheiro, um dos principais interpretes da I República.

“solidariedade” a condição de seu patrão, ela se predispõe a seduzi-lo com “consentimento” de sua patroa, a fim de extirpar tal problema. Porém sem resultado.

Tal representação nos alude a aspectos importantes à condição feminina nos primeiros anos da República. Primeiramente, ela poderia ser lida pelo viés dado ao caráter paternalista na relação patrão/empregada, marido/mulher; em que essa personagem masculina se vale da idéia predominante no período, de uma superioridade incontestável sobre seus dependentes, sobretudo as mulheres, que deveriam, pelos moldes estabelecidos, serem passivas e submissas, além da idéia, de que o homem é “naturalmente” infiel. Todavia, se formos pensar no contexto social em que esse serviço está imerso, poderíamos destacar, primeiramente, um alerta ao compartilhamento da intimidade com as empregadas domésticas, bem como a “desonestidade” atribuída as mulheres da “classe pobre” vistas, por exemplo, como sedutoras e maculadoras do lar em que estão empregadas, e que por isso deveria ser alvo de fiscalizações. Não deixando, também, de apontar ao fato de que talvez essa cançoneta possa aludir a uma positividade na intimidade entre os patrões e os empregados, visto que não podemos desconsiderar o fato de que não seria raro encontrarmos boas relações entre essas personagens.

Tal assertiva acerca da desconfiança, que possivelmente, nesse momento, as empregadas domésticas emanavam, pode ser identificada na cançoneta *O Sargentão*, em que a criada é caracterizada como aquela que macula o lar dos patrões introduzindo em seu seio um estranho.

*Uma bella criadinha
Que me deu o coração,
Recebe me na cozinha
A's occultas do patrão!
Por isso ao demo já dei,
A maldita feijoada,
No quartel não mais trinquiei...
Hoje arrancho com a criada...⁵*

⁵ Autor desconhecido. *O Sargentão*.) In. Theatro do Rio Nu. O Rio Nu. 28/01/1899, nº 60 – Anno II. Biblioteca Nacional. Obras Raras

Como se pode perceber, recorrências são perceptíveis em tais discursos propalados por essas canções. Ao analisarmos, podemos identificar características estruturais como a utilização de metáforas para se referir a órgãos ou atos sexuais: “penduricalho”, “espada”, “bico da chaleira”,⁶ para se referir ao órgão sexual masculino, por exemplo. Porém, o que mais chama a atenção é a exacerbação do sexo em tais canções. Todas mostram as **empregadas** domésticas mantendo relações sexuais, seja com o patrão, ou com outras personagens, como o sargento, o leiteiro ou padeiro.

*A creada, de manhã
Frescalhota e bem louçã,
Dá a língua com o leiteiro,
Tagarela co' o padeiro
Qualquer dos dois lhe concede
O mais terno e meigo olhar,
Sempre o freguez se despede
A suspirar!*

*(declama) Sim, o suspiro acorda cedo
E deita-se a tarde. E quando vezes cada
Um de nós durante toda a noite...
Delirando, etc⁷*

Partindo do conceito de *representações* (CHARTIER, 1988) ao analisarmos tais recorrências, não podemos, simplesmente, associá-las a uma realidade vivenciada no momento histórico em foco. Tais representações não são espelhos de uma realidade que se pretende buscar. Mais do que isso, ao propor a análise desta documentação temos que ter em mente o fato que este tema não foi escolhido em vão por esses compositores. Interesses de classe, de mercado e pessoais, estavam em jogo e merecem ser considerados. Entretanto, a escolha persistente da empregada doméstica como

⁶ Podemos identificar tais formas de linguagem nas canções : Boticário. *O Penduricalho*. Theatro d'O Rio Nu. O Rio Nu. AnnoIII, 05 de dezembro de 1900, nº 252; *O Sargentão*. Theatro d'O Rio Nu. O Rio Nu. Anno II, 28 de janeiro de 1899, nº 60; *O bico da chaleira*. Theatro d'O Rio Nu. O Rio Nu. 14 de abril de 1909. p. 4. Todavia, a utilização de tais metáforas não se encerram, apenas, nessas canções citadas. Grande parte das canções levanta na pesquisa tem como ponto em comum a utilização de metáforas que aludem a órgãos ou atos sexuais.

⁷ *Os suspiros*. Theatro d'O Rio Nu. O Rio Nu. 12 de novembro de 1898, nº 38.

protagonista dessas músicas não pode ser desassociada às discussões da época, seja acerca da regulamentação do emprego doméstico, seja às políticas policiais e científicas acerca do controle da “classe popular”.

Ainda acerca dos temas abarcados por essas canções, podemos destacar a questão racial como um ponto importante. Martha Abreu realiza uma análise da questão racial presente em canções populares do Sudeste brasileiro no período de 1890 a 1920. Dando-nos uma boa contribuição acerca deste tema, ela aponta que:

(...) os versos produzem mulatas, às vezes em uma mesma canção, com um papel ativo – pouco condizente com a imagem de uma “coisa” ou objeto sexual – ora exercendo o seu poder de sedutoras, ora aprisionando os encantados, ora gastando muito de seu dinheiro, ou dando adeus aos seus “ioiôs”. Mesmo que se possa alegar que os versos pretendiam estimular o desejo, brincando com o pretense poder das mulatas, não se deve esquecer que também poderiam ser um caminho para se falar, de uma forma crítica e irônica, sobre os limites da força dos senhores. De qualquer forma, difundiu-se a imagem da mulata esnobando os poderosos senhores. (ABREU, Martha, 2003: 14)

Na canção *O penduricalho* podemos perceber esse jogo de inversões ao apresentar a empregada, chamada de “creoula”, tomando a atitude ativa em relação ao seu patrão. Todavia, as inversões não param por aí, logo na estrofe abaixo o patrão sai de sua condição passiva à ativa “p’ra não ser desrespeitado”. Ratificando de forma cômica e irônica preconceitos raciais, através de violências simbólicas vinculadas aos discursos dessas canções, podemos perceber, por exemplo, na *O penduricalho* a exacerbação das depreciações às negras descrevendo a relação sexual com elas como algo “sujo”.

*Ora vejam que massada,
Toda a gente anda demnada,
E tem dado real trabalho!
Porque uso na corrente
Este doirado pingente,
Que chamam – penduricalho
(...)
Tendo em casa uma creoula,*

*Cozinheira nada tola,
Que, sahindo do borralho,
Veiu da sesta acordar-me,
Dannadamente a puxar-me
O pobre penduricalho.*

*Depois do caso passado,
P'ra não ser desrespeitado,
Metto na negra o vergalho,
Vendo depois com atenção,
Todo sujo de carvão
Estava o penduricalho.*

*E a mulher, desesperada,
Quis despedir a criada
Mas o furor atalho
Entregando-lhe com jeito,
Inteirinho e sem defeito,
O nosso penduricalho.*

*Mas tinha razão de sobra
De ficar como uma cobra,
E por isso não lhe ralho
Quer-lhe um bem! ...Já é mania,
Limpa três vezes por dia
O bello penduricalho
(...) ⁸*

Por fim, outro ponto que merece destaque é a utilização da narrativa em voz feminina dando a entender que é a “própria criada que está falando”. Tal mecanismo é interessante, pois o compositor, geralmente homem, dando voz a sua personagem dá certa legitimidade ao enredo descrito. Desta forma, quando Maria Vaz Arrentella, uma criada de servir, narra suas peripécias, pode ser, a um determinado público leitor, que aquilo que está sendo narrado soe como verdadeiro, pois “ela” mesma estaria “assumindo” sua desobediência ao deixar estranhos entrar na casa dos patrões para fazer

⁸ Boticário. *O penduricalho*. *op. cit*

sexo, ou afirmando que “padre também peca” ao descrever as investidas que um lhe fazia⁹.

*Maria Vaz Arrentella,
aqui 'stá ao seu dispor;
creadinha muito bella
que a todos inspira amor.
Minha patrôa, Bernarda,
a quem sirvo há mais de um mez,
não quer que fale ao meu guarda
cada semana, uma vez.
Eu, então, que sou esperta,
fingindo deitar-me vou,
deixo o “primo” a porta aberta,
elle entra e ella...*

Achatou!

(...)

*Também servi um padreca
que me dava muito a conta,
sendo padre também pecca
mas eu é que não sou tonta!
Ia-lhe sempre dizendo
quando me pedia amor:
- “O que quer, eu bem entendo,
mas, não vae lá, meu senhor!”
Uma noite, o tal amigo,
Descuidada, me apanhou,
Mas prevendo logo o p'rigo
Fugi e o padre...*

Achatou!

(...)

⁹ A pornografia possui temas recorrentes, como o caso de padres ou freiras que recorrem à libertinagem. Talvez, como crítica a uma moral vigente, essas obras foram abundantes no século XVIII e XIX, destaque para os textos El FAR, Alessandra. *op. cit*; HUNT, Lyn. *op. cit*; DARTON, Robert. *op. cit*; GOULEMONT, Jean-Marie. *op. cit* e PEREIRA, Cristiana Schettini. *op. cit*.

*Em casa d'um senhor conde
eu servi s'ó oito dias,
pois que o membro, o visconde,
O papá, dizi então
quando me viu zangar:
- "Ai, não faça caso, não,
deixe o "menino" brincar!"
Um menino, com vinte annos,
ha muito se desmamou,
este então, d'olhos manganos,
queria, mas...
Achatou!*

Por tudo que foi mencionado, podemos perceber que as cançonetas analisadas estão intimamente relacionadas ao momento conturbado em que o serviço doméstico em si encontrava-se, em meio a tentativas de regulamentações e regulações por parte das autoridades públicas e pela própria sociedade civil, representada pelas famílias que desfrutavam de tal serviço. Não quero dizer que tais cançonetas são ferramentas confeccionadas à finalidade de servir aos interesses da elite em detrimento da “classe popular”. Estamos lidando com redes mais complexas, que não podem ser resumidas a uma simples antítese. Todavia, não podemos deixar passar a íntima relação de produção de tais discursos com as políticas em discussões no momento e as repercussões advindas delas, o que contribui para a criação de um *habitus* (BOURDIEU, 2000) sexual sobre a figura de tal personagem e que nos é introjetada sem ser questionada até hoje.

REFERÊNCIAS:

Biblioteca Nacional (BNRJ):

- Jornal *O Rio Nu*: periódico semanal caustico humorístico. (1898-1916) – Setor de Obras Raras da Biblioteca Nacional. Localização: PR SOR 00008 (14 bobinas) - 24 cançonetas.

Acervo Pessoal de Aluísio de Alencar Pinto

PIMPOLHO, Raul e BLACK. *Theatro Comico*: album de cançonetas com musicas originaes para piano e canto. Ilustração de Guapy. Vol. 1. Recife: Typographia a vapor da Agencia Jornalística Pernambucano, 1907.

Bibliografia

ABREU ESTEVES, Martha de. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

ABREU, Martha. *História da “Música Popular Brasileira”, uma análise da produção sobre o período colonial*. Disponível em www.historia.uff.br/nupehc/files/martha.pdf. Acessado em 15 de outubro de 2010.

_____. “*Sobre Mulatas Orgulhosas e Crioulos Atrevidos*”: conflitos raciais, gênero e nação nas canções populares (Sudeste do Brasil, 1890-1920). *Tempo*, Rio de Janeiro, nº 16, pp. 1-31.

BAKOS, Margaret Marchiori. *Regulamentos sobre o serviço dos criados: um estudo sobre o relacionamento Estado e Sociedade no Rio Grande do Sul (1887-1889)*. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 4, n. 7, p. 94-104, mar. 1984.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. *O poder simbólico*. tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2000

CARVALHO, Marcus J. M. de. *De portas adentro e de portas afora: trabalho doméstico e escravidão no Recife, 1822-1850*. *Afro-Ásia*, 29/30, 2003. p. 41-78.

CAUFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas-SP: Editora da Unicamp/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2000.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1988.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

DARNTON, Robert. *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. Tradução de Hildergard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação – literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GOULEMONT, Jean-Marie. *Esses livros que se lêem com uma só mão: leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII*. Tradução de Maria Aparecida Corrêa. São Paulo: Discurso Editorial, 2000.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. *Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro, 1860-1910*. tradução de Viviana Bosi. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

HUNT, Lynn (org.). *A invenção da pornografia: obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800*. Tradução de Carlos Szlak. São Paulo: Hedra, 1999. 1ª ed.

LEME, Mônica. *Mercado editorial e música impressa no Rio de Janeiro (séc. XIX) – modinhas e lundus para “iaiás” e “trovadores de esquina”*. I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial. Rio de Janeiro: FCRB-UFF/PPGCOM-UFF/LIHED, 2004

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Porta adentro: criados de servir em São Paulo de 1890 a 1930*. In: BRUSCHINI, Maria Cristina; SORJ, Bila (Org.). *Novos olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil*. São Paulo: Marco Zero, 1994. p. 193- 212.

MORAES, Eliane R. e LAPEIZ, Sandra M. *O que é pornografia?* Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Abril Cultural: Brasilense. 1985.

PEREIRA, Cristiana Schettini. *Um gênero alegre: imprensa e pornografia no Rio de Janeiro (1898-1916)* (Dissertação). Maria Clementina Pereira Cunha (Orientadora). Campinas-SP: Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1997. 221p.

SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SOUZA, Flávia Fernandes de. *Para casa de família e mais serviço: o trabalho doméstico na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX*. Dissertação de mestrado. Orientadora: Profª. Drª. Magali Gouveia Engel. São Gonçalo/RJ: UERJ-FFP/PPGHS, 2010.

ULHÔA, Martha Tupinambá. *Matrizes- Música popular no início do século XX no Rio de Janeiro: partituras, performance e escuta da música popular do passado*. Disponível em: << <http://www.unirio.br/mpb/textos/AustinMusicalExamples/>>>. Acessado em 13 de maio de 2010.